

Veículo: A Gazeta

Data: 05/08/2021

Link: <https://www.agazeta.com.br/especialcolatina/colatina-100-anos-cidade-ainda-sofre-efeitos-de-desastre-ambiental-0821>

Desafios

Colatina 100 anos: cidade ainda sofre efeitos de desastre ambiental

A lama atingiu o Rio Doce em 2015, mas as consequências da tragédia perduram até hoje no município. Ao longo do primeiro aniversário, Colatina enfrentou enchentes e uma seca histórica, que deixaram lições importantes

Publicado em 05/08/2021 às 13h:04



Rio Doce com uma ilha de areia formada durante as enchentes. Colatina. Foto: Alex Douglas

Das lições que marcam a história de Colatina, a lama de rejeitos de minério da Samarco, que atingiu o Rio Doce há quase 6 anos, ainda não está cicatrizada. De danos sociais, econômicos e ambientais provocados pela tragédia geram impactos ainda hoje. A atividade de pesca praticamente se esgotou, devido ao medo de contaminação dos peixes, e as pessoas não confirm na qualidade da água que abastece o município. Além disso, a utilização inadequada do solo ao longo da foz do Doce, associada a outras ações humanas, contribui para o surgimento de barcas de areia e agravam os problemas de seca e das enchentes.



Em comemoração aos 100 anos de Colatina, **A Gazeta** relembra momentos marcantes dessa trajetória, entre os quais as enchentes de 1979 e 2013, a seca rigorosa, entre 2014 e 2017, e a lama de rejeitos de minério, que cobriu todo o vale do Rio Doce em novembro de 2015. Fatos que, além da destruição, trouxeram lições importantes e acenderam o alerta para a urgência de preservar o meio ambiente.

Aos 64 anos, oifton Ponche não consegue mais sobreviver de pesca no Rio Doce. Ele diz que não tem mais peixe. "Se você pescar 10 peixes hoje, daqui a 15 ou 20 dias, não pega mais nenhum. E esses peixes que tem sabem das lagoas, não são do Rio Doce. Eu digo isso porque eu pescar há 70 anos", lamenta.



Osilton Ponche no rio Doce, sem conseguir pescar no Rio Doce. Colatina. Foto: Alex Douglas

O pescador recebe o auxílio financeiro emergencial, pago todas as meses pela Fundação Renova, criada para reparar os danos provocados pela lama de rejeitos de minério da Samarco. Ele mora na Vila dos Pescadores de Mará Brito desde menino, onde aprendeu a profissão com o pai. Na vila, a atividade está parada porque, além da falta de peixe, existe a dificuldade para vender devido ao recado das pessoas de consumirem o pescado do Rio Doce.

"Fazer mais o quê aqui? Desde que aconteceu essa tragédia, eu não como o peixe do rio. Até a água eu compro para beber"

Ilton Ponche
Pescador

Na cidade, também há a desconfiança na água que é captada do rio para abastecer o município. Com medo de contaminação, muitas pessoas compram água mineral para beber e cozinhar.

Na casa da vendedora Solange Silva Dragano, desde que a lama de rejeitos atingiu o Rio Doce, só se bebe água mineral. A família consome até cinco galões com vinte litros, por semana. "É um gasto maior, mas a gente não abre mão por causa da preocupação com a saúde", explica.



Apesar da desconfiança dos moradores, o Saneat, responsável pelo abastecimento da cidade, diz que faz análises na água tratada e distribuída e afirma que a água consumida no município está nos padrões das portais, estaduais e federais, vigentes.

O QUE DIZ A FUNDAÇÃO RENOVA

A Fundação Renova diz que realiza monitoramento sistemático da biodiversidade, do sedimento e da água. Sobre os peixes do Rio Doce, explica que estudos específicos do pescado estão em andamento e análises recentes têm apontado para a progressiva melhora das condições ambientais no região costeira após o rompimento.

As questões relacionadas ao consumo do pescado estão sendo tratadas na 12ª Vara da Justiça Federal Cível e Agrária de Minas Gerais, em que foi nomeado um perito para realizar estudos a respeito do assunto.

Em Colônia, 1.007 pessoas recebem o auxílio financeiro emergencial pago. São pescadores e outros profissionais, que dependem da pesca no Rio Doce para sobreviver e seus dependentes. Cerca de 63,7 milhões de reais foram pagos até junho deste ano.

AS ENCHENTES DE 1979 E 2013

O ano 1979 foi marcado pela maior enchente da história de Colônia, que afetou a cidade entre primeiro de janeiro e meados de fevereiro. O comerciante Zilton Manoel Lopes já tinha a loja aberta no centro e lembra da época. "O prefeito pagou o microfone de um vendedor de peixe e saiu pelas ruas, gritando feito um louco, para que as pessoas tirassem os objetos de dentro de casa e se ausentassem dos lugares mais baixos, porque o rio invadiria a cidade, como invadiu. Foi uma tragédia. A água demorou de 20 a 12 dias para baixar e, durante esse tempo, nós ficamos sem energia, sem alimentação e sem comunicação", conta.



Correr e correr valendo cada água durante o maior enchente de Colatina. Colatina, Alberto Resende de Souza

A água atingiu a marca de dois metros no centro e nos bairros periféricos ao rio. Mais de 60 por cento da população ficou desabrigada. "O clima era de muita tristeza, mas as pessoas se ajudaram muito e assim nós conseguimos superar essa dificuldade", lembra Zilton.

Em dezembro de 2013, a história se repetiu. O Rio Doce transbordou mais uma vez e alagou toda a região central de Colatina. Deixou vaz, no entanto, além dos prejuízos trazidos pela enchente, a população também sofreu com os deslizamentos de terra. No bairro São Marcos, o barranco desmoronou sobre quatro casas e oito pessoas foram soterradas. Apenas um raposo foi resgatado com vida pelos bombeiros. Era vitimera de rato. As buxacas, peixes desaparecidos só foram localizados no dia 26 de dezembro, quando duas irmãs, pequenas, foram localizadas.

"A enchente de 79 foi mais forte, mas a recuperação econômica foi rápida. Colatina era um centro comercial, por isso, quando resbrimos as pontas, tinha gente da região inteira procurando novos mercados. Em 2013, não. A água voltou rápido, mas a região interior foi prejudicada e o comércio demorou para se reerguer", observa o comandante Zilton Manoel Lopes, que enfrentou as duas crises enchentes no município.



1879: pescadores, olhando sua praia municipal de Colatina. Colatina, Alberto Resende de Souza

DA ENCHENTE PARA A PIOR SECA DA HISTÓRIA DE COLATINA

Em 2004, teve início a pior seca da história de Colatina e o maior do Estado em 60 anos. Foram três anos de estiagem, que levaram o município a declarar situação de emergência devido às perdas no campo. Quase a metade da produção de café, por exemplo, foi perdida. Comunidades no interior do município precisaram ser abastecidas por caminhões pipa. O rio Paraíba secou e o próprio Doce, tão assustador nas enchentes, agorizou entre os bancos de areia.

Mesmo em locais opostos, para os especialistas, secas e enchentes estão relacionadas ao mau uso do solo ao longo de toda a bacia hidrográfica. "Quando a gente usa o solo de forma inadequada, a gente diminui a capacidade do solo de infiltrar água e aumenta a capacidade de escoar água sobre o solo. Na época de chuva, a maior parcela vai parar no rio, o que causa as enchentes. E, como não infiltra, não recarrega o lençol freático para atravessar os períodos de seca. O mau uso do solo agrava as estiagens e aumenta os problemas de enchente", explica o professor do Ipa de Colatina, Abelardo Elisabon.



Colatina sofre com a seca. Crédito: Henrique Dauglin

A solução para o problema está na conservação da água e do solo, que passa por várias ações, tanto na cidade quanto no interior.

O produtor rural Antônio Carlos Schneider tem uma propriedade no Córrego Jacarandá, no interior de Colatina, e faz o trabalho de preservação das nascentes há 4 anos. Com o apoio da Fundação Renova, cercou a área e plantou 300 mudas de leivoneas. E ele já comemora o resultado. "Agora, os animais vêm beber água aqui. Antes, tinham que procurar em outro lugar, porque não tinha, mas hoje está sobrando", conta.



Opunido por Antônio Carlos Schneider plantou 300 mudas em Colatina. Crédito: Henrique Dauglin

A renda da propriedade vem da lavoura de café conilon e das hortaliças, mesmo assim, ele abriu mão de uma parte do terreno, que se tornou uma área de proteção permanente, onde estão as mudas e as nascentes. "Água é tudo na roça, tem que cuidar, porque sem água não tem vida", afirma o produtor.